

## **Quem deve falar em nome da Indústria Nacional da Carne?<sup>1</sup>**

Pedro Eduardo de Felício<sup>2</sup>

No comércio como nas guerras o que chega às pessoas, mesmo as mais interessadas e, em tese, bem informadas, é apenas um arremedo da verdade. O grau de desinformação se acentua quando os temas têm a ver com as transações com gado e carne. Veja o leitor, por exemplo, os fatos noticiados na imprensa, nas últimas semanas, a respeito de políticos que estariam se utilizando da pecuária para justificar despesas ou enriquecimento.

No dia 05 de julho, a rádio CBN apresentou dois comentários da jornalista Miriam Leitão(<sup>†</sup>), que deveriam passar para a história do setor. No primeiro, ela disse que a pecuária brasileira tem dois lados que convivem na fronteira: um moderno, exportador, em fase de globalização, e outro atrasado - no qual se encontram alguns parlamentares - onde ocorrem, segundo a ONG RepórterBrasil(<sup>‡</sup>), 62% dos flagrantes de trabalho escravo. A bovinocultura não pode conviver com esses dois lados, disse, “tem que escolher o caminho da luz” e parar com os negócios escusos. Falou que o avanço da pecuária em áreas da Amazônia Legal vai levar a barreiras no comércio internacional, e que “o setor está condenado a se modernizar de ponta a ponta, chega de fechar os olhos para o que está errado”. Em sua opinião, o “frigorífico que estiver convivendo com o trabalho escravo não vai exportar, e isso afetará o Brasil como um todo”.

No segundo, ela acrescentou que o que está acontecendo é apenas uma demonstração do lado obscuro da pecuária, e que não é só isso não, porque há frigoríficos com "as patas na lama e a cabeça no mercado global". Pode-se entender que os dois lados não são assim tão bem definidos como fez parecer no primeiro comentário? Em ambos, ela disse ter pedido a opinião da ABIEC - Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne, citando nominalmente o seu presidente; ele teria informado que sua estratégia é desvincular as duas coisas; que os grandes frigoríficos estão assinando o pacto contra o trabalho escravo, e que a intenção é se desvincular completamente do lado perverso (...); e que "os frigoríficos não podem exportar carne da Amazônia, porque a região não é livre de febre aftosa". A jornalista, então, contra-argumentou que uma parte da região está liberada para

---

<sup>1</sup> Artigo publicado na Revista ABCZ, Uberaba, n.39 (jul.-ago.), 2007, p.62.

<sup>2</sup> Professor titular da Faculdade de Engenharia de Alimentos da Unicamp. CP 6121, CEP 13.083-862 Campinas.

exportar, e enfatizou que a produção de lá é para o mercado interno e que, portanto, os consumidores deveriam ser mais exigentes.

O que fica evidente aí é que quem fala pela Indústria da Carne, entendida como o binômio “pecuária e indústria”, é a ABIEC, ou seja, a representação dos frigoríficos exportadores que, devido a conflito de interesses não representa os pecuaristas. Para o bem ou para o mal, tem sido assim de uns tempos para cá, a opinião “quase-oficial” sobre carne bovina é sempre a da ABIEC que, também, é a responsável pelas estratégias de mercado internacional sobre as quais os criadores sequer são chamados a opinar.

Se algo sair errado, eles pagam o pato, e se tudo correr bem, as grandes empresas compram mais algumas das menores. Não interessa aos pecuaristas dignos se manifestarem a respeito? Claro que sim! A mídia não aceita o vácuo de opiniões, ela põe alguém em seu lugar, sempre.

Assim é que a associação dos exportadores vem respondendo de maneira superficial às críticas externas em temas que vão de sanidade a rastreabilidade, passando por desflorestamento e trabalho escravo. E desse modo procede não por qualquer delegação de governo, ou de entidades agropecuárias, mas por sua indiscutível habilidade na ocupação de espaços na mídia. E, mais que isso, por inexistência de uma entidade legitimamente constituída para representar a Indústria da Carne em questões complexas como essa que, ontem (16.07.2007), colocou a carne brasileira na berlinda diante do Parlamento Europeu.

---

† (<http://cbn.globoradio.globo.com/cbn/arquivos/miriamleita0/2007/07/0/> )

‡ Leia mais sobre a “Cadeia Produtiva do Trabalho Escravo” em [www.reporterbrasil.org.br](http://www.reporterbrasil.org.br) )